CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
MUSEU FREI GALVÃO - ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
EDIFÍCIO DO CENTRO SOCIAL - PRAÇA CONS. RODRIGUES ALVES, 48
2º ANDAR - TEL.: (0125) 22-3674
ANO DE 1988 - Centenário da Abolição do Cativeiro

RANCHO DA PICUTA

Até os idos de 1930 mais ou menos, existiu na atual Vila Paraíba, na quadra formada pelas confluências das avenidas Dr. Getúlio Vargas e Dr. Carlos Rebello uma enorme construção de alvenaria coberta com telhas coloniais com uma grande abertura voltada para o lado do Rio Paraíba, abertura essa que permitia que por ela passassem os animais com suas cargas nos dias de chuva.

Essa construção ficou conhecida pelo nome de rancho da Picuta e depois por rancho do "Seu Azevedo Português" pois eles foram seus tomadores de conta. Nele pernoitavam os tropeiros e suas mercadorias, que vindos de Delfim Moreira traziam marmelo, pêssego, pera, feijão, etc. Outras tropas procediam dos sertões do Taquaral e através do bairro das Pedrinhas atravessavam, sob autorização, a fazenda do Sr. Caetano Caltabiano, isto porque o Sr. Caetano Caltabiano possuia um armazém nesse bairro que vendia os mesmos produtos e entre outros, feijão, milho, frangos, cabritos, porcos, palmito, batata, farinha de mandioca, etc. Vinham para o mesmo rancho, tropeiros através do bairro dos Pilões, pela via hoje conhecida com o nome de Plínio Galvão César. Tropas oriundas de Cunha, encontrando o Rancho da Pedreira já ocupado, atravessavam a cidade e se alojavam no Rancho da Picuta.



Os muares (burros e bestas) devidamente ferrados e marcados com ferro no pescoço ou na lateral da face ou ainda nas ancas, possuiam nomes próprios e cordeiramente atendiam a voz de comando de seus donos. Postados em fila indiana eram precedidos pela besta madrinha. Madrinha era um muar já habituado com a rota tantas vezes percorrida.

Trazia pendurado ao peitoril cincerros (sinos) de latão, que pelos seus tamanhos diferentes possuiam sonoridades diversas. O último animal, chamado de culatreiro, geralmente de pequeno porte, transportava alimentos e apetrechos da cozinha: carne seca, sal, café, açúcar mascavo, pratos e canecas revestidas de ágata, panelas de ferro, trempe e garfos, colheres e conchas feita de ferro estanhado além dos instrumentos musicais. Os animais de carga, uns traziam jacás ou balaios feitos de taquara habilmente trançada e neles eram colocados frangos e patos ou cabritos ou porcos ou ainda frutos como marmelo, pera, pêssego, etc. Outros, com bruacas, malas ou saco de couro cru, transportavam feijão, milho, farinha de mandioca, açúcar mascavo, etc. A entrada da tropa na cidade, era motivo de curiosidade da população.

Ao acampar no rancho, os animais eram soltos nas adjacências onde pastavam e bebiam das águas das lagoas alí existentes, habitadas por bandos de garças brancas. A madrinha continuava com uma espécie de coleira de couro, com apenas um cincerro, para que outros animais não se afastassem dela, dificultando a sua busca na madrugada seguinte.

Os tropeiros usavam chapéu de feltro ou de palha trançada, com abas largas, camisa de algodão, calças de brim e no frio ou tempo de chuva uma capa ou manta do tipo gaúcha feita de lã. Esta possuia na sua parte central um buraco para introdução da cabeça e lateralmente, aberturas para introdução dos braços: um para segurar as rédeas e o outro para sustentar o relho feito de couro cru trançado, através de uma alça e para segurar o palheiro, cigarro feito de fumo picado enrolado em folhas tenras de espiga de milho. Estes quando não estavam acesos eram colocados no alto da orelha. Pendurado na cintura, colocado dentro da bainha, o facão de marca Triângulo e fabricado em Amparo, era peça integrante do tropeiro.

Os pés geralmente descalços, portavam as esporas com suas rosetas com a finalidade de picar o ventre da montaria. Cães também faziam parte da caravana e se postavam ao lado de seus donos. Os tropeiros dormiam sobre

capim seco ou sobre pelego com a cabeça recostada na sela e o corpo coberto com a manta. Preparavam suas refeições em caldeirões de ferro fundido, suspensos na trempe ou em latas da banha apoiadas em tijolos. Esta consistia de carne seca cozida no feijão pardinho acompanhado de muita farinha e goles de aguardente bebida no gargalo da garrafa. Após a refeição, o tradicional café adoçado com açúcar mascavo.

À noite, a fogueira alumiava o rústico ambiente onde se ouviam o choro da viola ou os sons das sanfonas.

O dinheiro arrecadado com a venda das mercadorias era gasto nos armazéns das proximidades em tecidos, sal, ferramentas, apetrechos de cozinha, chapéu, linhas, agulhas, botões, etc. Começava então a jornada de volta à casa, nos distantes bairros e cidades...

Edílio Cipro

NOTAS DO MUSEU FREI GALVÃO: Dois ranchos de tropeiros marcaram a vida de Guaratinguetá: o rancho da Picuta e O Rancho da Pedreira, cujo histórico, de autoria de Roque de Castro, é tema da monografia de nº 70, publicada em 1986. Outros ranchos existiram, mais ou menos próximos do centro urbano, mas, sempre localizados à margem dos caminhos que dos bairros rurais e dos municípios vizinhos chegavam à cidade. Situada em ponto estratégico, entre as serras do Mar e da Mantiqueira, Guaratinguetá foi sempre pouso obrigatório e centro de comercio entre viajantes e tropas de muares que transitavam entre as Minas Gerais, os portos de Paraty, Mambucaba e Ubatuba, entre as vilas e cidades localizadas entre São Paulo e Rio de Janeiro e mesmo entre os bairros do próprio município.

- Tropas e tropeiros estão presentes na história da cidade, nos inventários e testamentos, em livros, relatórios e estatísticas. Tal era o movimento de tropas desde os primeiros tempos que já em 1717 o Conde de Assumar assinalava "a existência de 800 animais de mercadores apenas na vila de Guaratinguetá e em 1751, o Conde de Azambuja noticiava nessa mesma vila "a presença de 1300 cavaleiros conduzindo tropas" - movimento considerado muito grande para a época.

Em 1911, o Código Municipal de Guaratinguetá, em seu Capítulo VII e artigo 114 proibia "transitar tropas aceleradamente dentro da cidade e impedir o trânsito público no ato de carregar ou descarregalas, incorrendo o tocador ou tropeiro em dois dias de prisão caso não pague a multa". O mesmo Código ainda determinava o pagamento anual de impostos pelo "empresário de Rancho ou Pasto".

- O Tropeiro era transportador quase único e exclusivo da mercadoria. Com o trem, a situação mudou muito e com o incremento do automóvel de carga e das rodovias, as tropas foram reduzindo suas atividades, e todo o sistema nelas baseado, como por exemplo, a presença

dos Ranchos, hoje substituídos pelos Postos de Gasolina, onde pernoitam os caminhoneiros e são abastecidos os seus veículos. Mesmo assim, ainda podemos encontrar por toda a região, embora em um viver menor, as antigas tropas de muares hoje fragmentadas em cargueiros. Para maiores esclarecimentos sobre o assunto pode ser consultado, na biblioteca do Museu Frei Galvão o livro "O Folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba", de autoria de Tom Maia e Thereza Regina de Camargo Maia - (Prêmio Silvio Romero 1980), publicado em 1981 pelo Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Cultura, Fundação Nacional de Arte, Instituto Nacional do Folclore, Secretaria dos Estado da Cultura de S.Paulo e Universidade de Taubaté. Existe na região importante movimento voltado ao tropeirismo, numa valorização das raízes tropeiras de muitas cidades do Vale do Paraíba. Exemplo disso é a cidade de Silveiras que anualmente realiza, em agosto a Festa do Tropeiro e mensalmente, durante todo o ano, acontece o almoço no Rancho dos Tropeiros, com comida e música típicas.

- Guaratinguetá homenagea em importante rua do bairro do Pedregulho um nome que se destacou entre os tropeiros da região - Joaquim Maia - grande negociante de muares na região entre Guaratinguetá, Cunha e Paraty até princípios do atual século.

- É na região do Vale do Paraíba que está sediada a Fundação Nacional do Tropeirismo. Tem como objetivos a divulgação, a perpetuação e a memória do trabalho desenvolvido pelos tropeiros no Brasil. O desenho símbolo da Fundação representa um tropeiro solitário com seu animal carregado, em sua caminhada pelas trilhas do Brasil. É de autoria de Tom Maia e aparece na primeira página desta monografia. Neste desenho podemos observar a besta madrinha da tropa - animal líder, guia dos outros animais, com seu peitoral de cincerros (sinos) de latão, cobre ou mesmo prata, de sonoridades diversas. Ao seu lado, o tropeiro, à pé, responsável pelos animais e pela carga.

